

**TEÓRICO, ENSAÍSTA OU REBELDE: A IMPORTÂNCIA DO  
PENSAMENTO SÓCIO-HISTÓRICO DE MANOEL BOMFIM PARA A  
HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA.**

***THEORETICAL, ESSAYIST OR REBEL: THE IMPORTANCE OF HISTORICAL  
THINKING OF BOMFIM TO BRAZILIAN HISTORIOGRAPHY***

Luiz Carlos Bento<sup>1</sup>

**RESUMO:** Entre os anos de 1905 e 1931, Manoel Bomfim lançará as bases de uma contra corrente da historiografia brasileira de seu tempo, demonstrando que não só o fazer histórico padecia de degradação política, mas também o próprio relatar a história padecia por uma melhor apreciação. Segundo Bomfim, as nações mais poderosas constroem a história de acordo com seus interesses, cabendo aos dominados um papel subalterno ou passivo no transcorrer dos acontecimentos históricos. Assim sendo nosso intuito é o de estar reafirmando com mais intensidade a importância do pensamento histórico de Bomfim para a historiografia brasileira, ressaltando o seu caráter ensaísta, a sua postura rebelde e inovadora, bem como seu entendimento teórico acerca da história do Brasil e da historiografia que ele se opunha. Este artigo busca situar a importância historiográfica deste intelectual “rebelde” esquecido pelos seus contemporâneos, desconhecido de uma parte dos estudantes de história e mal compreendido por muitos em nosso campo de atuação profissional.

**PALAVRAS-CHAVE:** História, Historiografia e Manoel Bomfim

**ABSTRACT:** Between 1905 and 1931, Manoel Bomfim wrote the foundations of the new bases of Brazilian historiography of his time. It shows that not only the making history was suffered from political degradation, but the composition of the narrative needed a better appreciation. According to Bomfim, the most powerful nations build the story according to their interests. The dominated people had to be in a subordinate space in the course of the historical events. The aim in this text is to show the importance of historical thinking of Bomfim to Brazilian historiography, emphasizing his skills as an essayist, the rebellious attitude and innovative, as well as the theoretical understanding about the history and opposed Brazilian historiography criticized by him. This text

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás, professor de Teoria da história e historiografia brasileira na Universidade Estadual de Goiás. E-mail: luizc.bento@yahoo.com.br. Artigo recebido em: 08/11/2010, e aceito em: 15/12/2010.

pretends to situate the historiographical importance of this intellectual, who was a "rebellious man" forgotten by his contemporaries, unknown for some students of history and misunderstood by many in this professional field.

**KEY-WORDS:** History. Historiography. Manoel Bomfim.

O problema que norteou este artigo consiste em estar demonstrando a importância do pensamento sócio-histórico de Manoel Bomfim para a historiografia brasileira. Tendo em vista que de 1838 até princípios dos anos 30, se produzia uma História do Brasil monárquica, dogmática e nacionalista, que procurava exaltar grandes heróis e fatos históricos justapostos em uma ordem cronológica linear. Neste contexto a produção historiográfica se atentava somente em relatar fatos e acontecimentos sem estabelecer uma heurística e uma hermenêutica adequada dos mesmos. Manoel Bomfim, através de suas obras: *América Latina Males de Origem*; *O Brasil na América e o Brasil Nação* irá apresentar-se como contra corrente da produção historiográfica de sua época. Ele inaugura em terras brasileiras uma História problema, que analisa questões de cunho político de forma crítica e abrangente, questionando a leitura elitista tradicional, desenvolvida desde 1838 pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em linhas gerais, os elementos que pretendemos problematizar, são as condições históricas que possibilitaram a elaboração destas obras que colocam em outros termos a discussão sobre o passado brasileiro.

Pensar a obra bomfiniana é antes de tudo uma reflexão sobre uma forma de interpretar o Brasil que ficou esquecida, pois foi voz vencida pelo movimento historiográfico dos anos 30. A voz deste "rebelde esquecido", mesmo enfraquecida chegou até a nós por meio de várias reverberações, e em um momento marcado profundamente pela corrupção política, pela descrença generalizada em várias instituições e por inúmeras mazelas mal resolvidas no plano social, o conteúdo das reflexões do intelectual sergipano torna-se atual e necessário, enquanto instrumento de análise para pensarmos o processo político, bem como as relações entre estado e sociedade no país.

O universo de desenvolvimento deste debate ficará restrito aos anos que se estendem a partir da fundação do IHGB até 1930, período em que Bomfim atinge o ápice de seu amadurecimento intelectual. Como o problema central de nosso estudo é estar demonstrando a importância do pensamento sócio-histórico de Manoel Bomfim para a historiografia brasileira, convém analisar de que forma era produzida a historiografia brasileira antes da produção Bomfiniana. O primeiro ponto a ser levado em consideração, é o próprio significado de historiografia que segundo José Jobson Arruda e José Manoel Tengarrinha em seu livro “*Historiografia Luso Brasileira*” existem para este termo, dois sentidos distintos. Primeiro a arte de produzir obras históricas, e o segundo consiste em uma análise mais crítica das obras históricas produzidas pelos historiadores de ofício.

A abordagem historiográfica por sua vez busca a compreensão da história através das obras históricas, das visões, ou teorias que as orientaram ou distanciaram bem como o estudo das forças de percepção, vale dizer das perspectivas ou ideologias que subjazem as duas no interior das qual ganha realce o significado dos termos e problemáticas selecionadas. (ARRUDA, TENGARRINHA, 1999 p.12)

Entre as várias sistematizações possíveis disponíveis nos estudos historiográficos adotaremos a periodização estabelecida por Francisco Iglesias, para ele a produção historiográfica brasileira é dividida em três fases: de 1500 a 1838 com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o qual exercera papel primordial na construção da História Nacional. De 1838 a 1931 ainda sobre a influência do Instituto Histórico, pautado na produção historiográfica francesa. Entretanto é válido ressaltar que é neste período que surgirá o pensamento sócio-histórico de Manoel Bomfim, o qual foi sufocado e apagado pelas circunstâncias, políticas da época.

A história enquanto disciplina acadêmica e como campo do conhecimento científico, cujo resultado de suas interpretações se expressa pela via de uma produção historiográfica atingirá este lugar e este reconhecimento metodológico na segunda metade do século XIX, sobretudo com a Escola Histórica Alemã.

*A reorientação do pensamento histórico se dá, nesse momento, simultaneamente com a institucionalização da pesquisa histórica, sob a forma de uma disciplina acadêmica especializada, na qual a “presente fixação” literária do passado humano esta ligada à elaboração crítica abrangente das fontes históricas (REZENDE, 2002 p. 02)*

Esta corrente conhecida por historicismo, surgiu na Alemanha, objetivando tornar a História uma ciência acadêmica e institucionalizada. Neste período a história deixa de ser uma mera narrativa produzida por qualquer literatura ou “amador” para se tornar uma ciência estudada pelos historiadores. Cabe lembrar a título de nota que os principais responsáveis por este percurso de autonomização metodológica foram Ranke, Droysen e Dilthey.

O período que se estende de 1838-1931 destaca-se pela influência do IHGB pautado no modelo francês. O instituto foi criado com o objetivo de construir uma história oficial para o Brasil. “construir uma história da nação recriar um processo, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidade em personagens e eventos até então dispersos” (SCHWARCZ, 1993 p. 89).

O Instituto procurava legitimar o estado monárquico, através da história, bem como homogeneizar o sentimento patriótico na nação. Seus fundadores foram o Cônego Januário da Cunha Barbosa, primeiro secretário do Instituto e José Feliciano Fernandes Pinheiro 1º presidente. Fazia parte da instituição 27 membros todos de poder econômico elevado, inclusive o próprio imperador do Brasil D. Pedro II, sócio e maior patrocinador do IHGB. Os principais “historiadores” deste período foram: Karl Friedch Philip Von Martius, ganhador do concurso promovido pelo IHGB com a tese “*Como se Deve Escrever a História do Brasil*” a tese concentrava-se na especificidade da trajetória desse país tropical, composto por três raças mescladas, ou seja, europeus, índios e negro. Para ele o branco civilizado deveria subjugar os demais povos; o índio era visto como um animal dominável e possível de ser civilizado, já o negro ficava a margem sendo objeto permanente de exploração e escravidão.

*Qualquer que se encarregue de escrever a História do Brasil, país que tanto promete, jamais deveria perder de vista quais os elementos que lhe forma a natureza muito diversa, tendo envergado de um modo muito particular as tuas raças (RIHGB, 1882: p 159).*

Francisco Adolfo Varnhagem nascido em Sorocaba, filho de alemão com uma portuguesa, logo jovem mudou-se para Portugal onde se formou em matemática, engenharia e química, como o Brasil estava buscando construir uma história nacional,

então D. Pedro II, solicitou a presença de Varnhagem para catalogar e reunir documentos para escrever a história do Brasil, atendendo a tais exigências o sorocabano durante boa parte de sua vida como pesquisador esteve viajando reunindo documentos, e os catalogando. Sua principal obra é *História Geral do Brasil* publicada em três edições; sua forma de escrita é um tanto quanto truncada e de difícil leitura.

Varnhagem em sua obra *História Geral do Brasil* se prima em legitimar o Estado Monárquico, consolidar a exploração dos índios e negros, e construir uma identidade para o Brasil. Capistrano de Abreu nasceu no Ceará em 1853 e foi estudar em Recife, mas não teve interesse pelo direito, consumia-se em leituras de obras literárias de geografia, história, psicologia, sociologia, antropologia, e economia. Teve influência da Escola Histórica alemã “historicismo” onde leu e estudou varias de suas teorias, assim podemos considerá-lo como um historicista. Conheceu os historiadores alemães, inovadores da metodologia e, de certo modo, os criadores da história científica, com seus métodos de trabalho e a valorização dos documentos. A obra mais importante de Capistrano é *Capítulos de história Colonial* de 1907. “A obra trata do cotidiano, do homem comum, dos modos de vida de mentalidades perspectivas até ai ignoradas, mas atualmente em alta” (IGLESIAS, 2000 p.121).

Foram vários artigos produzidos por Capistrano, porém livros o historiador cearense deixou três: *Descobrimientos do Brasil, Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, e *Capítulos de História Colonial*. Capistrano foi de suma importância para a historiografia brasileira, pois ele estabelece um método heurístico e hermenêutico na análise das fontes históricas. Estes três “Historiadores” foram os principais representantes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em suma a historiografia brasileira até os anos 30 com exceção ao pensamento bomfiniano, consistia, em crônicas dispersas, e numa história nacionalista, e monárquica.

Compreender a realidade que nos cerca, bem como o contexto histórico em que estamos inseridos, não é algo fácil, principalmente quando se pretende escrever ou analisar “sobre os mesmo”. Deve se fazer como diz Gadamer o exercício hermenêutico, ou seja, a apreensão do sentido para podermos entender melhor o mundo em que estamos inseridos, ou a realidade histórica que pretendemos pesquisar. “Em todo caso,

porém compreensão é apreensão de sentido, e sentido é o que se apresenta à compreensão como conteúdo” (CORETH, 1919 p 52).

Em princípios do século XX aparecerá um pensador que através de suas escritas irá produzir um centro corrente na historiografia brasileira, Manoel Bomfim criará um pensamento sócio-histórico, analisando piamente a realidade histórica do Brasil. Assim ele inaugura uma História problema. Bomfim era um hermeneuta que durante sua vida procurou incessantemente realizar a apreensão do sentido para compreender a realidade histórica e social do Brasil. Manoel Bomfim nasceu em 08 de agosto de 1868 em Aracaju, então província de Sergipe, filho de família respeitada (senhores de engenho). Estudou em Aracaju e aos 12 anos foi trabalhar no engenho da família, transferindo-se cinco anos depois para a Bahia, onde iniciou os estudos de medicina, o qual concluiu no Rio de Janeiro em 1890 com a tese “Das Nefrites”.

Entre 1898-1902, atuou no magistério ensinando moral e cívica na escola normal, onde também foi professor de pedagogia e português. Nesta mesma escola dirigiu a pedagogia, instituição destinada à pesquisa educacional, e também foi membro do conselho superior de instrução pública do Distrito Federal sendo que em 1899 assumiu o diretório da instituição pública cargo que deixou em 1907. Neste mesmo ano atuou em questões relativas ao ensino público, o que parece ter sido de suma importância, uma vez que cabia a instituição a afeição dos conteúdos das disciplinas escolares, através da indicação dos livros didáticos a serem adotados em todas as escolas públicas; a fiscalização dos professores e a distribuição de recursos financeiros.

Após esta fase de atuação na instituição pública e na política, o autor passou a se dedicar a produção de livros didáticos e paradidáticos além de continuar a publicar na imprensa carioca. Os livros que propusemos analisar ao longo da realização desta pesquisa para elucidar a importância do pensamento sócio-histórico de Manoel Bomfim, são três, *América Latina Males de Origem* (1905) *O Brasil na América* (1928) e *Brasil Nação*. Quanto ao primeiro livro o intelectual sergipano queria desconstruir o racismo científico que os europeus tinham em relação aos povos americanos. Os teóricos e publicistas europeus apoiados no cientificismo naturalista evolucionista de Darwin, classificava os povos da América do Sul de atrasados e inferiores, gente selvagem e incapaz de se auto-governar, inconformado com esta situação, Bomfim dirá que os

males de origem não vinham do povo, mais sim do parasitismo colonial exercido pelas elites.

*Na colônia, só o cativo trabalhava; todo mundo explorava e oprimia; a produção dependia, apenas, do numero de cativos e da crueza dos açoites; o processo foi condenado por inútil, a inteligência pesquisada como perigosa. O colono sobre o cativo, o fisco sobre o colono, o absolutismo e o arcaísmo religioso sobre todos afundavam demais em mais, esta sociedade na miséria, do processo dos ibéricos e sim pautado num conservadorismo acabaram por solapar as reais situações de desenvolvimento da América do sul achando-os de atrasados e inferiores (BOMFIM, 1905, p 394).*

Manoel Bomfim queria desmistificar estas teorias, em seu livro *América Latina Males de Origem* e propõe como solução para a América do Sul à educação critica e consciente que faz com que o individuo consiga se auto-afirmar, tornando-se assim sujeito ativo de sua própria história.

*O processo há de ser da própria sociedade, no seu todo; e isto; só se obtém pela educação e cultura de cada elemento social. Não se eleva o meio sem melhora aos indivíduos; não há processo para quem seja incapaz de compreendê-los e desejá-lo prevê-lo e buscá-lo. (BOMFIM, 1905 p 351).*

Vinte e três anos depois Manoel Bomfim ira escrever *O Brasil na América* compondo uma trilogia com o *Brasil na História* 1930 e com *América latina Males de Origem*, buscando apresentar uma nova análise histórica do Brasil. *O Brasil na América* procura caracterizar o processo histórico da colônia à independência, demonstrando que a expressão América Latina nada tinha a ver com a realidade deste continente, pois cada país tinha sua própria forma de se organizar tanto quanto político, cultural, social e economicamente.

*Então a expressão América Latina era equivocada, pois o que existe eram diferentes nações neo-ibéricas, na diferença de tradições. Na variedade da colonização, no maior ou menor aproveitamento das qualidades naturais nas direções e perspectivas históricas, nas diferenças essenciais de valor. (BOMFIM, 1929 p196)*

O outro livro da série é o *Brasil na História* de 1930, nele Manoel Bomfim irá produzir uma critica voraz a historiografia brasileira, demonstrando que a história era escrita somente para satisfazer as vontades dos dominantes e que historiadores como

Varnhagem eram verdadeiros profetas do engano, pois escreviam uma história factual e anacrônica pensando somente em interesses particulares. Para Bomfim toda a história se reduz as contendas de tradições, sem perder, com isso seu papel superior de fazer a confiança da nação nos próprios destinos.

O *Brasil Nação* publicado em 1931 demonstra a exploração bragantina desde 1808 até 1889 com o período Republicano no Brasil. Para o intelectual sergipano o Brasil possui sim os dons essenciais para ser uma nação, tais como espírito de união, solidariedade patriótica, cordialidade nas relações internas. Porém o que contaminou a nação foram os Braganças, que se imigraram e instalaram no Brasil implantando assim uma forma de governar pautada na mentira e no engano, e isto acabou por se tornar uma tradição herdada pelos nossos políticos.

*Administração incapaz e perdulária, infame quanto arguto, incapazes e corruptos quanto interesse fazer qualquer coisa: política de ineptos e desbriados, desmoralizando-nos em face com o mundo que pensa e que trabalha fingindo estar piamente grotescamente, uma fisionomia que não é nossa, quando desfrutar de situação que não soubemos prepara pretendendo ser o que não somos, nem nos convém ser, sem saber, menos o que somos, nem o que, de fato, os convém (BOMFIM, 1931 p 53).*

Manoel Bomfim irá interpretar a situação política do Brasil propondo uma revolução nos moldes mexicanos, ou seja, uma revolução popular onde os trabalhadores assumiriam o poder destruindo assim as antigas castas políticas dos Braganças. Até os dias atuais podemos diagnosticar uma produção historiográfica, patriótica monarquista, elitista e dogmático, seu objetivo principal consiste em alienar a população brasileira em relação aos mecanismos de dominação do estado, gerando o que podemos chamar de conformismo. É esta mentalidade que o poder público através da história pretendia e pretende impregnar nas mentes e no comportamento da população brasileira “somos independentes” temos “governantes que zelam pelo bem comum da nação”; conquistamos essa posição através dos atos de “bravura” dos nossos “heróis nacionais”, como: Pedro Álvares Cabral, Dom João VI, Dom Pedro I, Tiradentes entre outros, ou seja, mera falácia distorcida e ilusória.

E quanto à situação de discriminação, e exploração dos negros em relação a sua cor, não importam afinal eles são leigos, sem cultura, e devem trabalhar para manter o



resto da população. Era esta a concepção da sociedade, que vários intelectuais, e políticos tinham em relação à organização social do Brasil, no século XIX. E a história seria este veículo homogenizador, e massificador que o estado utilizaria para legitimar suas ideologias de conservação e manutenção de seu poder.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi o aparelho utilizado pelo estado para difundir seus ideais de dominação e exploração da sociedade, e um dos principais historiadores que contribuiu para a disseminação de tais ideais foi Francisco Adolfo Vanrhagem, que durante toda a sua vida foi um defensor incansável da dominação e colonização portuguesa no Brasil, ele era contra toda e qualquer revolução que viesse ameaçar o estado português na figura de Dom Pedro II, seu amigo e admirador.

Segundo Franklin de Oliveira todos os historiadores de Vanrhagem a Gilberto Freyre, passando inclusive por Euclides da Cunha viram o Brasil com a ótica fornecida por outros países. “E a alienação dos historiadores, é segundo ele talvez a pior de todas, pois ela induz à desfiguração total do país e do povo”. Manoel Bomfim ira produzir uma Análise da história do Brasil fugindo das regras, existentes em sua época: Os negros, o racismo científico, o mecanismo de conservação do estado, bem como vários erros na interpretação da história do Brasil, tal como a independência foram diagnosticados por Bomfim em seu livro *América Latina Males de Origem*. Por esta razão e outras que este intelectual impar na sociedade brasileira foi esquecido, pois ele se posicionava na contra corrente da produção historiográfica brasileira.

O conceito que Manoel Bomfim tinha de história não se resume, segundo Aguiar, ao simples registro cronológico dos fatos. Bomfim entendia a historia como um processo social continuo. Daí origina sua consideração de que o futuro da nação brasileira já estava “delineado” no seu passado, nas etapas anteriores da sua formação, pois todas elas foram marcadas por tensões e lutas entre dominadores e dominados. Segundo ele as nações mais poderosas constroem a historia de acordo com os seus interesses, cabendo aos dominados um papel subalterno ou passivo no transcorrer dos acontecimentos. “A deturpação se faz para proveito dos que já têm grandeza histórica, em detrimento dos menores, para maior afronto dos vencidos e dominados” (BOMFIM, 1996 p. 732).

Diante de todas estas mazelas existentes na produção historiográfica brasileira Bomfim dizia que era necessário passar a limpo a historiografia brasileira, livrando-a de todas as visões mistificadoras, que procuravam utilizar da história como um veículo de dominação das massas. No livro *América Latina Males de Origem*, Manoel Bomfim demonstra a discriminação social imposta aos negros, e mestiços em relação a sua cor, julgando-os como atrasados e inferiores. Para Bomfim o problema não é apenas de cor, mas sim, fruto da colonização portuguesa que aqui se instalaram como verdadeiros parasitas, procurando sugar todas as riquezas existente na colônia, numa relação de parasitas e parasitados. E os negros e mestiços foram um mecanismo utilizado pelos Braganças para efetivar esta dominação.

Isto para a época foi algo inovador, pois tínhamos uma produção historiográfica que marginalizava o papel do negro e do mestiço na sociedade brasileira. Silvio Romero escreveu vários artigos procurando desconstruir o pensamento de Bomfim chamando-o pejorativamente até de “manuelzinho”.

Segundo Nietzsche “Se todo grande homem chegar a ser considerado, acima de tudo, precisamente como filho autêntico do seu tempo e, em todo o caso sofre de todas as suas mazelas, com força maior e mais sensibilidade do que todos os homens menores, então o combate de um tal grande contra seu tempo é ao que parece, apenas um combate sem sentido e destrutivo contra si mesmo. Mas justamente apenas ao que parece, pois o que ele combate em seu tempo é aquilo que o impede de ser grande e isto para ele significa apenas: ser livre e inteiramente ele mesmo (NIETZSCHE, *Apud* AGUIAR, p 34).

Manoel Bomfim combate as teorias racistas, e monarquistas que viam o Brasil como um país atrasado e inferior povoado por negros, mestiços e mamelucos, por esta razão o intelectual sergipano foi esquecido, como diz Nietzsche se tornou “pequeno” para sua época, pois o que ele combatia o impediu de se tornar “grande”.

Bomfim sempre foi discreto em suas ações procurando se manter a margem das instituições que pretendia legitimar o poder do estado. Ele foi convidado para fazer parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, uma entidade que proporcionava destaque social para quem fizesse parte de tal órgão. Como Manoel Bomfim não era de acordo com a forma de produção historiográfica realizada por tal instituição não aceitou

tal proposta, que para muitos seria irrecusável. Se não bastasse, o Médico Sergipano também foi intimado pessoalmente por Machado de Assis para fazer parte da Academia Brasileira de Letras, como um dos primeiros quarentas imortais, no entanto não aceitou. Manoel Bomfim procurava sempre se manter coerente em sua forma de pensar e atuar na sociedade brasileira, caso contrário seus escritos entrariam em contradição com o seu modo de agir, pois compartilhava da idéia de que uma característica importante em um escritor é a teoria estar em consonância com suas ações.

Esta breve exposição de alguns elementos da obra do intelectual sergipano serve como amostra da autenticidade e da atualidade da reflexão historiográfica desde autor “rebelde”. Esquecido pelos seus contemporâneos, desconhecido de grande parte dos estudantes de história e mal compreendido por muitos em nosso campo de atuação profissional.

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

AGUIAR, Ronaldo Conde. *O Rebelde Esquecido: Tempo Vida e Obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks 1999.

ARRUDA, José Jobson, TENGARRINHA José Manoel: *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru – SP: EDUS 1999.

BOMFIM, Manoel: *A América Latina: Males de origem*. 3 ed. Rio de Janeiro: Topbooks 1993

\_\_\_\_\_: *O Brasil na América: Característica da formação brasileira* 2 Ed- Rio de Janeiro Topbooks 1997

\_\_\_\_\_. *Brasil Nação: realidade da soberania nacional*. 2º ed.- Rio de Janeiro: Topbooks 1996.

CORETH, Emerich: *Questões fundamentais de hermenêutica*: Tradução: Carlos Lopes de Matos. São Paulo: Epu, Ed da Universidade de São Paulo, 1973.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1988 p 5 a 27.

IGLESIAS, Francisco: *Os historiadores do Brasil. Capítulos de historiografia brasileira* (Ed. Nova Fronteira) Rio de Janeiro, 2000

MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. *Historicismo, Tese, Legado, Fragilidade*. História Revista 7 (1/2): 1.22- jan/dez 2002.

SCHWARZ, Moritz Lilia: *Os Institutos Históricos e Geográficos “Guardiões da História oficial*. IN: *O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Campanha das letras 1993.